

A lua e a reencarnação

A criação do homem na imaginação
dos índios Surára, Noroeste do Brasil

Los Surára consideran como Ser supremo y paraíso de los muertos a la luna, a la que imaginan de doble sexo. Como intermediarios entre la luna y los hombres existen los Hekurá (espíritus gigantes de animales y plantas) que viven en las montañas, invocados por los hombres en estado de embriaguez. En la ceremonia fúnebre el cuerpo del difunto que yace sobre la copa de un árbol es quemado junto con este. Acto seguido se bebe la ceniza de los huesos. El alma sube con el humo a la luna, retornando a la tierra en forma de gota de sangre, que al atravesar las nubes se convierte en gota de lluvia. Los hombres tienen el pene atado con una cinta hacia arriba, debido a que el prepucio sirve de embudo receptor, llegando el alma al cuerpo de la mujer por medio del acto sexual.

O mito de criação destes índios, uma tribo dos Yanonámi, no noroeste brasileiro, me foi contado pelo chefe dos Surára em 1955, quando estive lá pela primeira vez, por um estágio de nove meses e consta o seguinte:

A criação dos Yanonámi (1)

A terra já existia e era cheia de plantas e animais mas ainda sem homens. Porém, certo dia, apareceu o primeiro homem, Uruhi, feito da perna do Xiapó, um pequeno pássaro com penas pretas e amarelas, semelhante ao Japím. Pouco tempo depois a perna do pássaro pariu um segundo homem, a seguir um terceiro, um quarto e finalmente uma mulher, Petá.



Estes quatro homens e a mulher viviam juntos numa perfeita harmonia. Petá era a esposa de Uruhí, o primogênito, porém os outros três irmãos também tiveram o direito de manter relações sexuais com ela (2). Após um ano, Petá deu a luz a um menino forte e sadio que se desenvolveu rapidamente e que passou a chamar os quatro homens de "pai" (3). O divertimento principal do menino era caçar passarinhos com o seu arco e flecha. Uma noite porém, atirou uma flecha contra a lua cheia. Imediatamente surgiu uma eclipse da lua. Sangue começou a cair e inundou como uma maré enchente toda a superfície da terra (4). Deste sangue surgiram todos os Yanonámi, sendo: os Surára, Pakidái, Puseheweterí, Aramamesteri, Xiriána, Karauaterí, Waiká etc.

Em tôrno disto, deu-me Hewemão em 1966, durante o meu segundo estágio que durou sete meses, uma interpretação bem significativa. O pequeno pássaro, mandado por Poré, o dono da lua, veio à terra para colonizá-la com os primeiros Yanonámi. Todos os outros membros deste grupo cultural e linguístico surgiram então do sangue que correu da lua.

A lua é em ligação com Poré, o Senhor da lua, o Ser Máximo; o paraíso dos mortos e o reservatório das almas para os Yanonámi que crêem na reencarnação.

Junto com as fumaças do queimamento dos falecidos da tribo, as almas chegam à lua e permanecem aqui por algum tempo sob as mais felizes circunstâncias; nunca sofrem de fome ou sede. Elas têm oportunidade de descansar das dificuldades da vida terrestre. A seguir, a pedido de Poré, elas devem mergulhar num dos inúmeros lagos lunáticos e levar aqui, por algum tempo, a vida em forma de pequena cobra aquática. Os lagos lunáticos não contêm água, porém sangue e nele, as almas serão rejuvenescidas. Daqui, por intermédio da chuva, que, na verdade, é sangue dos lagos lunáticos que se transforma em água ao atravessar as nuvens, elas (as almas) chegam à terra. Uma alma pode se reduzir tanto, que cabe facilmente num pingão d'água que cai no pênis de um certo homem. Este é um dos motivos principais pelo qual todos os homens dos Yanonámi precisam fixar o pênis com uma cinta e virado para cima pois o prepúcio servirá como um funil. No ato sexual com a sua mulher a alma entrará no corpo da mesma; é, por consequência, o motivo da formação de um lactante.

Porém, a alma rejuvenescida necessita alguns anos para desenvolver-se. Este processo não está terminado com o nascimento. Por isto, o lactante faz parte da carne, do sangue e da alma da mãe, nos primeiros três anos de vida. Por este motivo ainda não recebe um nome. Só o recebe no começo do quarto ano de vida. O nome é indicado por Poré ao pai quando ele se encontra em estado de alucinação, provocada por ervas entorpecentes e é sempre um nome do reino animal ou vegetal. Com a doação do nome a criança dispõe agora de uma própria alma porque depois do estado da rejuvenescença esta agora está completamente desenvolvida.

O número de cabeças dos Yanonámi não pode aumentar, só diminuir pois os membros da tribo que não serão queimados, seja por motivos de guerra ou por castigo em casos de transgressões incestuosas, não fazem mais parte do círculo contínuo do renascimento. Suas almas andam sem destino entre a Terra e a Lua num estado latente e morrerão em algum dia de fome e sede pois não têm possibilidades de receber comidas e bebidas. Antes porém, elas tratam de prejudicar os membros da tribo o máximo possível pois a contínua fome e sede tornou-as enfurecidas. Uma criança que nasce com defeitos físicos será matada logo após o parto e jogada no rio. Estas falhas são o comprovante de que a alma está doente sem recursos de desenvolver uma criança sadia. Por este motivo deve ser afogada.

Assim, na verdade, toda a vida na terra vem da lua e os Yanonámi que se consideram descendentes da lua creem firmemente que o seu sangue está idêntico com o líquido dos lagos lunáticos, como está sendo contado no mito de criação.

Por isto se dá grande valor ao sangue menstrual; este é considerado santo e se cre que é possível realizar todo ato no sentido bom ou mal com o mesmo. É possível curar com o mesmo um doente ou adoecer um são. Por este motivo os homens temem-o e desconfiam que as mulheres misturam-no nas bebidas. Com isto, as mulheres têm todo o poder sobre o homem.

Os homens procuram proteger-se de tal forma que exigiram das moças ao começo da primeira menstruação um rito de iniciação que ainda hoje existe. Neste tempo a moça está sendo isolada da tribo e encontra-se na cabana de menstruação. Sua mãe a fricciona com o sangue e quando este não for suficiente, usará Urucú (bixa orellana) um corante vegetal vermelho como substituição. Ao mesmo tempo sua mãe espicaça com uma espinha de palmeira uma tatuagem por cima do lábio superior representando a arcada lunar. O material da tatuagem é genipapo um corante vegetal azul.

Devido a esta tatuagem, assim creem os homens, todo perigo proveniente de sangue menstrual, está reprimido. As mulheres porém o sabem melhor: O sangue, na verdade, possui o mesmo poder e o arco lunar tatuado por cima do lábio superior reforça este poder, pois agora até externamente são reconhecidas como mulheres lunares.

Além disto há um outro sinal para ambos os sexos a partir do quarto ano de vida: a tonsura, muitas vezes pintada com vermelho: o símbolo de lua. Por motivos religiosos, nas caças e em estado de guerra homens, mulheres e crianças se pintam com círculos, pontos e linhas onduladas. Também muitos artigos de uso e joias estão sendo ornamentados com estes atributos.

Os círculos representam a lua, os pontos seus aliados, todos os astros (5) e a linha ondulada simboliza uma serpente e ao mesmo tempo o pênis virado para cima, um símbolo de unificação entre lua e terra.

Quando estive junto com os Surára em 1966, vimos no céu tropical noturno a passagem lenta de satélites. Eu expliquei aos índios que os mesmos foram enviados pelos americanos e russos para fins de pesquisas com a finalidade de enviar homens à lua que seria então uma evolução magnífica e sensacional.

Meu amigo, Hewemão, embalava lentamente a cabeça e achava de que não se tratava, de modo algum, de uma evolução, pois **êle** mesmo, ou melhor a sua alma e aquelas de todos os outros Yanonámi, já estiveram na lua por muitas **vêzes**. A vida lá é consideravelmente melhor do que na terra mas Poré determinou que **êles** precisam voltar sempre para cá.

NOTAS

- (1) Hans Becher: Die Surára und Pakidái. Zwei Yanonámi-Stämme in Nordwestbrasilien. "Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg", Vol. XXVI: 113-114. Hamburg 1960.
- (2) Os irmãos mais novos e solteiros dos Surára e Pakidái têm o direito de relações sexuais com as mulheres dos irmãos mais velhos. Além disto os membros de ambas as tribos vivem na imaginação de que uma mulher só pode produzir filhos fortes se tiver relações frequentes com outros homens durante a sua gravidez.
- (3) Os filhos Surára e Pakidái denominam de "pai" o irmão solteiro de pai e não "tio".
- (4) Por **êste** motivo está terminantemente proibido aos filhos Surára e Pakidái de atirar com a flecha em direção à lua.
- (5) O sol não ocupa lugar nenhum na vida religiosa destes índios por se encontrar completamente isolado no céu. **Crê-se**, que **êle** está apenas contornando o disco terrestre como um vagabundo.

ESTAMPAS

Fig. 1: Hewemão - chefe e pagé da tribo Surára durante a festa em memoria dos mortos, em traje ceremonial.

Fig. 2: Chefes das tribos Surára e Pakidái durante a festa em memoria dos mortos, em traje ceremonial.

Fig. 3: Guerreiros Surára.

Fig. 4: Hewemão, chefe e pagé da tribo Surára com alguns guerreiros.

Fig. 5: Xaniwö, menino Surára.

Fig. 6: Yaxóíma, filha do chefe da guerra da tribo Surára com tatuagem típica.

Fig. 7: Riopemí, mulher da tribo Pakidái com tatuagem típica.

Fig. 8: Menina Surára com tonsura.



Fig. 1

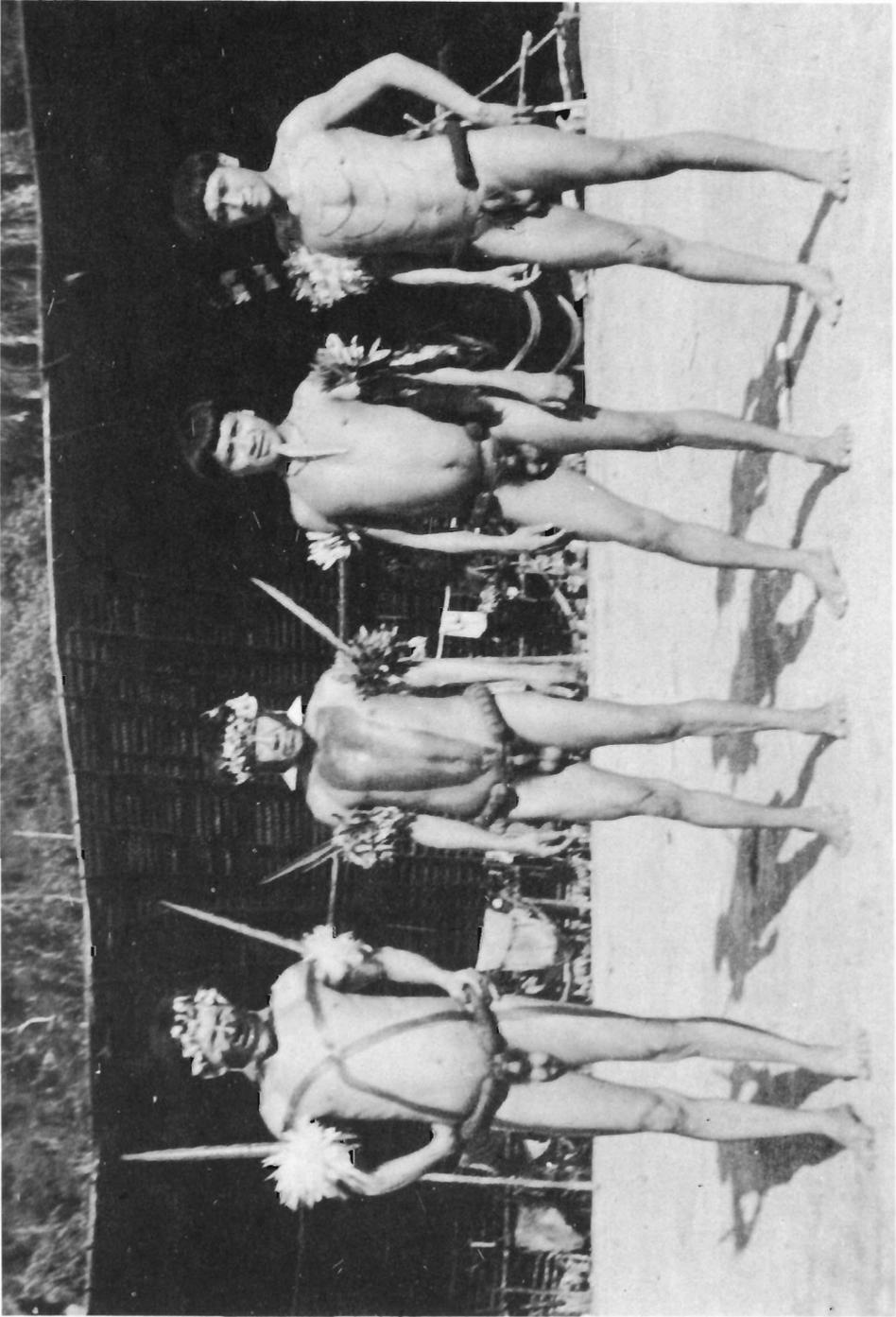


Fig. 2



Fig. 3



Fig.4



Fig. 5

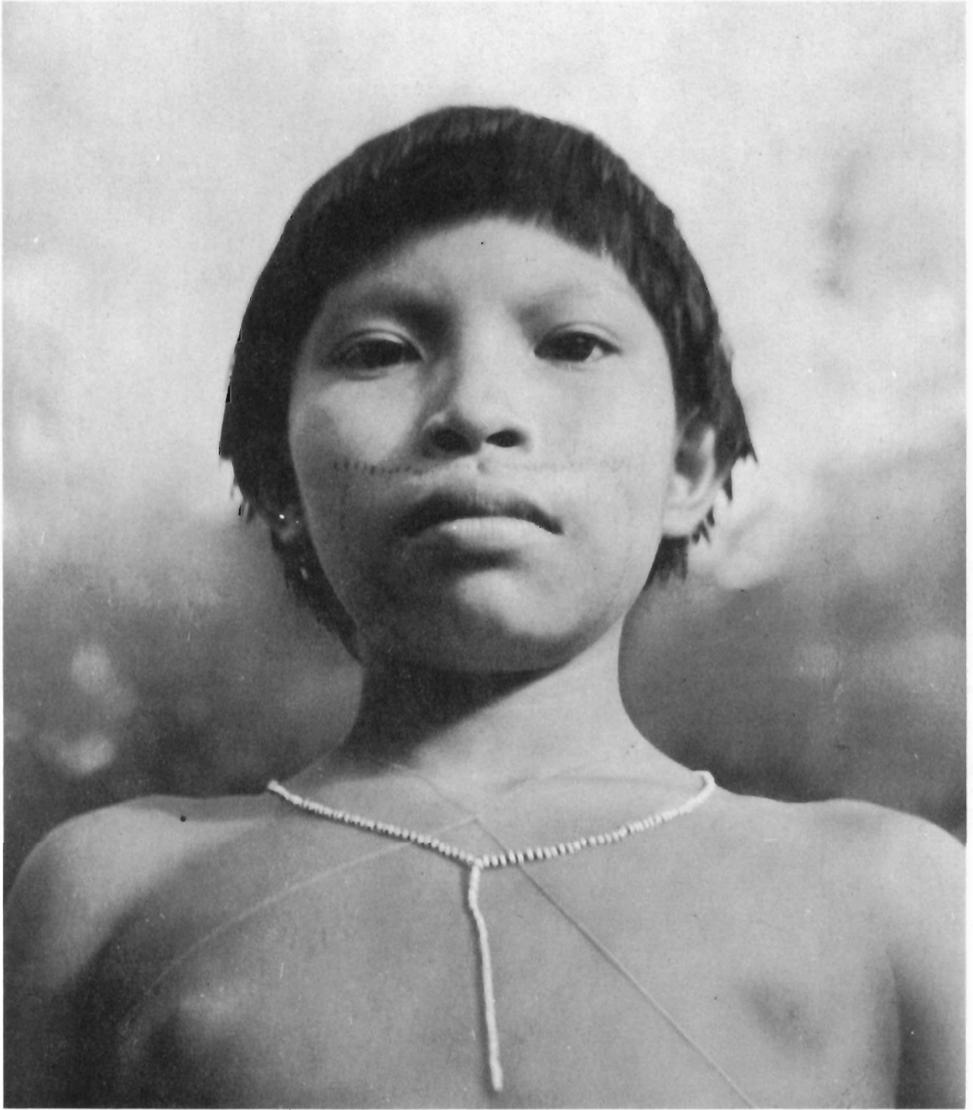


Fig. 6



Fig. 7

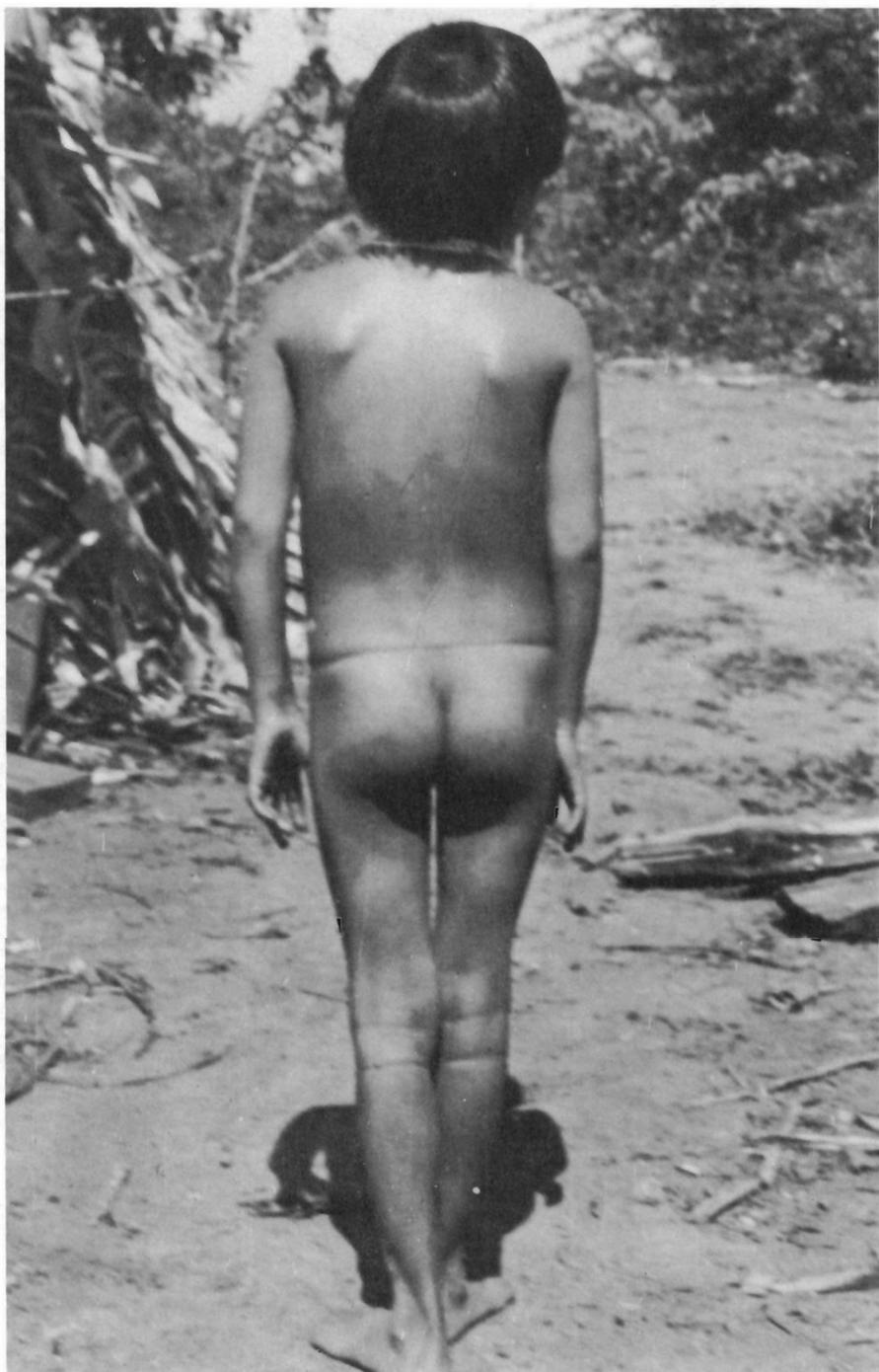


Fig. 8